



O dia em que me tornei...

SAUTISTA

Vladir Lemos

ilustrações:
Chris Borges
e Mauro Souza



2ª impressão

Copyright © 2007 Panda Books

Supervisão editorial **Marcelo Duarte**

Assistente editorial **Tatiana Fulas**

Projeto gráfico **Daniel Kondo**
Flavio Peralta

Capa **Ana Miadaira**

Diagramação **Estúdio O.L.M.**

Colaboração **Amauri Segalla**
André Lacerda
Rodolfo Rodrigues

Preparação **Imidio de Pina Barros**

Revisão **Telma Baeza G. Dias**
Márcio de Araújo
Alessandra Miranda de Sá

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Lemos, Vladir.

O dia em que me tornei santista / Vladir Lemos
1ª ed. – São Paulo : Panda Books, 2007.

1. Santos Futebol Clube. I. Título. II. Série.

04-8719

CDD 796.3340608161

Índices para catálogo sistemático
Santos Futebol Clube : São Paulo :
Estado : História 796.3340608161

2008

Todos os direitos reservados à
Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 – 05413-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

– Vladiiiiiir! – gritava minha mãe.

Ou era hora do almoço, do lanche,
ou de cumprir algum compromisso.

O chamado era como um apito
final das peladas de infância.

E qualquer mãe poderia apitar, veja só.

Em compensação, só podiam fazer
o jogo terminar para os “seus”.

– Tá acabando!

A resposta estava na ponta da língua de todos.

Passava então a valer o “quem fizer ganha”.

E assim prorrogávamos um pouco o bate-bola.

Dedico este livro à minha mãe, que, além de orientar
o time, foi sempre bondosa na hora dos acréscimos.

Sumário

O INÍCIO DO SANTOS 25

OS TÍTULOS MUNDIAIS E NACIONAIS 32

OS 10 MAIS 41

A HISTÓRIA NOS CLÁSSICOS 60

OS MELHORES DE TODOS OS TEMPOS 71

CURIOSIDADES 92



Quando penso na minha infância percebo como a bola foi a minha grande companheira. Uma realidade que, eu acredito, me aproxima de muitos meninos do meu país, e do mundo. Não sou capaz de dizer, nem mesmo, quando se deu o primeiro contato com essa coisa redonda, provavelmente de tão cedo que o fato ocorreu. Mas posso lembrar perfeitamente como se deu o encantamento por ela. E nesse processo de descobrir a bola, você sabe, é possível

imaginá-la em qualquer objeto que tenha essa forma. Quem já não ensaiou um drible ao se deparar com uma bolinha de tênis? Uma bola de meia? Uma bola de papel e até uma laranja?

No prédio em que eu e meu irmão morávamos havia outros dois irmãos, Vitor e Marcelo. Os três foram os amigos com quem mais joguei bola na vida. Dividiram comigo todas as fases dessa descoberta: a bola de meia, a de tênis, e também os momentos em que o bate-bola foi se revelando despretensiosamente sério. Vieram, então, os rachões na rua, os duelos com os da rua de trás. Foram, por sinal, os duros duelos com os da “rua de trás” que me fizeram descobrir a satisfação plena de vencer uma partida de futebol. Nem sempre acontecia, mas quando acontecia... era demais! O sorriso no rosto de cada um, a conversa depois

relembrando os lances. Vencer significava também uma superação física, já que os jogos eram, muitas vezes, cheios de empurra-empurra. O time da rua de trás não era só vigor, não. Tinha uns caras bons de bola; o Claudinho era um deles. Mas nossa esquadra também tinha lá seus nomes. Lembro de um em especial, o Zé Carlos. Um mestiço de pernas tortas que era complicado de encarar. O Zé, além de marcar os jogos, era



quem guardava a bola doada pra garotada pelo famoso árbitro Romualdo Arpi Filho. Romualdo, quando não estava apitando, tocava sua imobiliária que ficava perto da linha do trem, ao lado da padaria.

Depois vieram as peladas na praia, os jogos “clássicos” disputados aos sábados. Na praia, muitas vezes as turmas de amigos acabavam misturadas na hora de formar os times. Mas o auge das peladas da



minha infância foi enfrentar o temido Pireli, time que tinha campo e tudo. O campo ficava muito abaixo do nível da rua, em um terreno baldio. Era preciso descer um barranco pra chegar até ele. Era uma espécie de bomboneira feita de barro. Essa era a arte de jogar bola.

Mas foi com meu pai que eu descobri a arte de apreciar o jogo. Era programa certo! No final de semana, em geral depois do almoço, Seu Ary pegava eu e meu irmão e procurava uma partida de várzea pra assistir. Não eram poucos os jogos de várzea naquela época, dava pra escolher. Ele sabia qual era o time sensação, onde estava o artilheiro, que partida era importante pra decidir a temporada. Na várzea, a maior parte dos campos ficava em lugares abertos. Meu pai então chegava, estacionava o carro perto da lateral e sentávamos no

capô, o que evitava problemas caso o clima esquentasse. Lembrando hoje tenho até a sensação de que o capô da velha Brasília era confortável.

E lá íamos nós atrás do Itararé... do Paulistano... do Beija-flor... do Continental...

Como muitas das ruas em que joguei quando criança eram de terra, isso de certa forma parecia me aproximar das emoções descobertas naqueles campos.

Nas décadas seguintes a expansão imobiliária tomou o espaço, e muitas equipes da várzea foram obrigadas a migrar para as areias da praia. Estou contando essas coisas, porque o time que escolhi para torcer é praiano e, de certa forma, esconde na essência um pouco de tudo isso. Claro, como todo santista já fui chamado de viúva do Pelé, mas devo confessar que naquela época, nos idos de 1978, minha inocência

me impedia de compreender a importância do Rei do futebol. Pelé era pra mim apenas um jogador famoso que vira-e-mexe aparecia no “Canalonga”, um alfaiate que trabalhava em uma casa na Praça do Correio. O que eu sabia era que toda vez que o Pelé pintava por lá causava um reboliço danado na porta da escola. Seja como for, cheguei a dar um aperto de mão nele, levado pela minha mãe.

